

Reflexões a partir do VI EnCult

Análises culturais e textuais de textos traduzidos

Análises culturais e textuais de textos traduzidos

Daniel Antonio de Sousa Alves (UFPB)

O eixo temático *Análises Culturais e Textuais de Textos Traduzidos* se propôs a acolher pesquisas que discutem a tradução a partir de abordagens que comparam textos em relação tradutória. Mais do que apontar diferenças entre textos, este eixo discute a linguagem como comunicação dentro de uma prática social, promovendo debates sobre a produção de significados, tanto considerando a totalidade de recursos que as línguas oferecem, quanto considerando as escolhas linguísticas de autores(as) e tradutores(as). O eixo fomentou debates sobre relações de organização textual, de representação e de avaliatividade em quaisquer pares linguísticos, não estimulando julgamentos de valor no que diz respeito à qualidade da tradução.

É um eixo já tradicional na história do Encult. Ele fez parte das edições anteriores e já contou com a colaboração da professora Sinara Branco, da Universidade Federal de Campina Grande, e da professora Monique Pfau, da Federal da Bahia, para ficar em apenas dois nomes. Neste ano, eu tive o prazer de trabalhar com a Elaine Espíndola e a Bárbara Cabral, que são minhas colegas aqui da Universidade Federal da Paraíba.

O trabalho que a gente fez este ano, como em outras vezes, foi tentar estimular uma discussão que o Paul Simpson chama de estilística, que são análises linguísticas de textos literários. Então, se você olhar o primeiro parágrafo deste texto (baseado no resumo proposto para o evento), você vai ver que tem essas características de estimular a análise de textos literários.

Mesmo tendo uma vocação inicial, os trabalhos que o eixo recebe são sempre muito diversos — e, enfato, uma diversidade muito rica e que deixa a gente muito feliz. Quando a gente propõe, no resumo do eixo, que a gente não estimula julgamentos de valor, a gente está, na verdade, tentando evitar aquelas críticas de tradução que se concentram em apontar pontos negativos de traduções — e que, às vezes, analisam apenas alguns erros isolados para condenar traduções de livros inteiros. Felizmente, esse tipo de trabalho, essas críticas ferrenhas, não costumam ser inscritas.

Os trabalhos que a gente normalmente recebe são análises muito interessantes que têm as mais diferentes afiliações teóricas. Neste ano, para mim, uma linha de trabalho que merece destaque foi a das discussões sobre traduções comentadas. Na minha opinião, as traduções comentadas, enquanto gênero acadêmico, são excelentes oportunidades para que a gente possa enxergar um pouco dos processos cognitivos dos tradutores e das tradutoras — pelo menos aqueles processos cognitivos que são mais conscientes, que envolvem as decisões deliberadas, que

Reflexões a partir do VI EnCult

Análises culturais e textuais de textos traduzidos

envolvem situações de tomadas de decisão do tipo: O que o tradutor decidiu fazer ante uma situação concreta de tradução. E eu também acho que é uma forma de pesquisa que promove os saberes éticos da tradução: porque o tradutor se expõe, explicita suas escolhas e os fatores subjacentes a elas, ele abre o espaço para que as pessoas observem o texto traduzido dentro das condições em que ele foi produzido, a partir das decisões que o tradutor tomou, daquilo que ele tentou fazer com aquele texto. Tem algumas discussões do Antoine Berman que vão nessa linha de ética da tradução e, como conhecimento acadêmico, acho uma possibilidade bem interessante de pesquisa.

Dentre as discussões de traduções comentadas que foram realizadas no evento, por exemplo, apareceram questões polêmicas, como a tradução de textos literários históricos que envolvem personagens que têm alguns traços de machismo, sexismo. E é interessante ouvir as posições da tradutora sobre como trabalhar esses traços para uma audiência contemporânea; como expor isso sem esconder aquele traço histórico, mas também sem se afiliar a uma postura que, na nossa ótica contemporânea, é equivocada. Para mim, é estimulante pensar em quais são as decisões que um tradutor toma quando a tarefa abre mais de uma possibilidade de escolha.

Outros trabalhos que também merecem destaque são aqueles que estão dentro do que a Mona Baker chama de novos horizontes nos Estudos da Tradução. Os trabalhos que lidam com gêneros textuais produzidos/consumidos em meios eletrônicos estão dentro dessa categoria. Teve uma apresentação de trabalho sobre tradução de Fan-Fic em que a pesquisadora apontou que já trabalha com o gênero há alguns anos e que, das primeiras vezes em que trouxe a discussão para o público, a maior parte das pessoas nem sabia o que que era Fan-Fic — o que contrasta com o cenário atual, em que várias pessoas que foram ali especificamente para assistir à apresentação dela. É um caso em que a gente consegue observar como os gêneros textuais estão evoluindo, como eles atraem a atenção de novos públicos leitores, de como essas leituras de textos eletrônicos podem atrair pessoas para literaturas de países orientais.

Ainda dentro dessa categoria dos novos horizontes, a gente também pode ver trabalhos que lidam com questões como o audiodescrição; produção de legendas para surdos e ensurdecidos; análises contrastivas de legendas produzidas por fãs e legendas produzidas por profissionais; foram vários os trabalhos que nos permitem visualizar a constante evolução da linguagem e das formas como a gente se comunica.

Além disso, eu gostaria de chamar atenção para as discussões sobre aspectos culturais — que me parecem ter atraído a atenção do público. Considerando que todo texto está sempre ligado ao contexto sócio-histórico-político-cultural em que ele é produzido, acho muito rica a discussão sobre como trabalhar esse contexto na tradução de textos literários. Teve uma discussão sobre traduções do texto do Pinóquio, por exemplo, em que a autora falava dos

Reflexões a partir do VI EnCult

Análises culturais e textuais de textos traduzidos

muitos conhecimentos que estão subjacentes àquele texto e, na apresentação, ela se concentrou na questão da comida, em como as menções à comida eram traduzidas ao longo dos anos, e em como diferentes tradutores lidavam com essas referências culturais. Alguns tradutores domesticam mais, outros tentam estrangeirar, outros tentam explicar — e cada uma dessas decisões traz uma diferente entrada do texto traduzido para o contexto da cultura de chegada.

Esse aspecto cultural, parece, para mim, ser algo que tem bastante força nos trabalhos de análise textual e, mais importante ainda, algo que me parece chamar a atenção do público. Já reconheço que as pessoas podem discordar de mim e contra-argumentar que essa é uma das lentes pela qual eu vejo o mundo, que é um assunto que me interessa pessoalmente e que, talvez por isso, eu repare mais nessas questões do que em outras igualmente interessantes. Ainda assim, enfatizo a discussão cultural como algo interessante e que suscita discussões entre o público.

Pensando no futuro deste ramo (de análise textual) dos Estudos da Tradução, eu diria que os trabalhos sobre traduções comentadas ainda têm muito espaço para crescer e que ainda há muitos temas que podem ser discutidos a partir delas. Elas revelam, como eu falei antes, alguns dos processos cognitivos conscientes dos tradutores e das tradutoras — desde a forma como tradutores e tradutoras entendem os textos-fonte com os quais eles e elas trabalham, passando pelas opções de tradução que se abrem a partir de cada compreensão, até chegar nas escolhas tradutórias, nos projetos de tradução, nas restrições que precisam ser obedecidas.

Acho que traduções comentadas abrem espaço para discussões muito ricas porque elas quebram aquela lógica prescritivista — que algumas correntes anteriores à Virada Cultural costumavam ter — de discutir imposições para passar a ouvir diferentes vozes e ver diferentes perspectivas. Com esse tipo de trabalho, acredito que poderemos começar a entender como o tradutor efetivamente realiza seu trabalho e acredito que, a partir daí, poderemos discutir pontos relevantes, como o da ética da tradução que já mencionei no começo deste texto, mas não uma ética impositiva, deontológica, e sim, uma ética aplicada, que lida com questões reais e como cada pessoa lida com elas.

Ainda falando sobre o futuro do ramo de análise textual, também acredito que o cânone tem força para ser discutido por muitas décadas à frente. Acredito que ainda veremos muitas pesquisas e trabalhos sobre autores clássicos, textos europeus e norte-americanos. E enfatizo que não vejo isso como um problema! Acho positivo e interessante discutir o cânone, mas acredito que é igualmente positivo e interessante entender as relações de poder que levam esses textos clássicos a serem canonizados.

Como contraponto ao cânone, acredito que vêm ganhando força os trabalhos sobre autores não canônicos, vindos de culturas literárias não hegemônicas, de países menores na América do

Reflexões a partir do VI EnCult

Análises culturais e textuais de textos traduzidos

Sul, na África, em cantos da Ásia. Assim como acho positivo e interessante discutir o cânone, também acho extremamente positivo e saudável observar as periferias literárias, explorar os textos menos conhecidos, os trabalhos das editoras independentes. Mais do que um simples contraponto ao cânone, acredito que pesquisas sobre esses temas poderão ser bastante enriquecedoras e que trarão muitas visões positivas sobre a variedade da experiência humana no mundo.